

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

0. O que é uma "abordagem formal" da gramática?

Bibliografia para este ponto

(Aulas 5 e 6)

Textos básicos da bibliografia do curso:

- 📖 BORBA, Francisco da Silva (1979). Teoria Sintática. São Paulo: Edusp. (Capítulo 1)
- 📖 CASTILHO, A. T. de (2010) Nova Gramática do Português Brasileiro. SP, Contexto. (Capítulo 1: O que se entende por língua e por gramática, pp.41-95)
- 📖 MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 1: O Estudo da Gramática - pp11-38)
- 📖 OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte de (2010). Análise Sintática do Português Falado no Brasil. Rio de Janeiro: Multifoco. Volume 1. (Capítulo 2: Formalismos em linguística - pp. 41-72)
- 📖 PERINI, Mário Alberto. (2006).Princípios de Lingüística Descritiva. São Paulo: Parábola. (Prólogo, Apresentação e Introdução, pp. 9-26) (Parte 1 - Noções Básicas, pp. 27-87)

Textos complementares:

- ANDERSON, Stephen R. (1999). *A Formalist's Reading of Some Functionalist Work in Syntax*. In M. Darnell, E. Moravcsik, F Newmeyer, M. Noonan, and K. Wheatley, eds., *Functionalism and Formalism in Linguistics*(Amsterdam: John Benjamins), vol. 1, pp. 111-135.
- BAKER, Mark (2001). *The Atoms of Language - The mind's hidden rules of grammar*. NY: Basic Books. (*em especial*: Capítulo 3 - Samples vs. Recipes, pp.51-84).
- CULICOVER, Peter W. & JACKENDOFF, Ray (2005). *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press. (Capítulo I - Why Simpler Syntax?, pp. 3-43); (Capítulo 2 - How did we get here? Principles and Early History of Mainstream Syntax, pp-44-72); (Capítulo 3 - Later History of Mainstream Syntax - pp. 73-106).

Epígrafes

What is a Formalist?

In terms of the sociology of the field, I imagine some of my “formalist” friends would consider me a somewhat marginal member of their fraternity, and the first point I want to make may solidify that impression. In particular, I have rather serious doubts about the ultimately productive nature of some important assumptions in recent formal syntax, and about a style of argument that gives rise to them. Some “formalist” work seems to me to be driven by just exactly the wrong sense of “formalism”: that is, formalism for its own sake, an approach to the field that allows linguistic research to be driven by the aesthetics of a notation. It is one thing to let the consequences of one’s formalization suggest hypotheses for exploration — it is quite another to act as though those hypotheses were themselves empirical results.

Stephen Anderson, 1999

A grande popularidade da doutrina dos neogramáticos não pode ser contada entre os argumentos em seu favor. Poucos a adotam por terem chegado de modo independente às conclusões que ela advoga, ou mesmo por terem-na colocado à prova de modo conclusivo. A grande maioria a adota por conta do alento metodológico que ela fornece. Trata-se de uma doutrina que se encaixa muito confortavelmente na receita que se espera que uma ciência respeitável siga hoje em dia. Falamos aqui daquilo que W. Scherer denominou, com muita propriedade, a mecanização dos métodos: a mecanização reduz a demanda de pensamento independente ao mínimo possível, e assim possibilita que um número inacreditável de indivíduos medíocres sintam-se parte do mundo da ciência.

Hugo Schuchardt, 1885

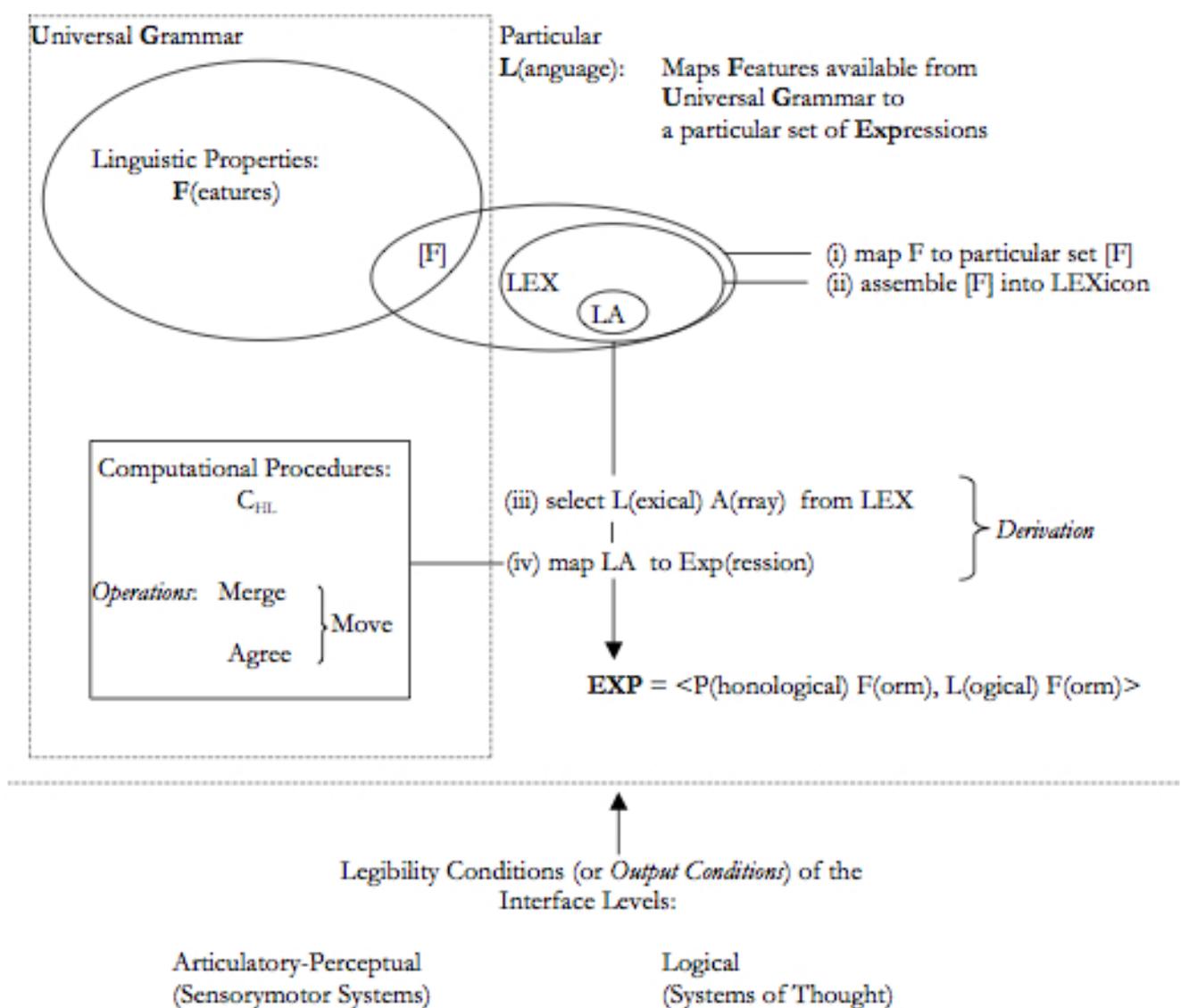
0.1 Conceção de Língua e Gramática na "Gramática gerativa"

"Language is an optimal solution to legibility conditions" - N. Chomsky, 1998.

- Tradição Pedagógica: Regulação e Normatização
- Tradição Lógica: Língua e Mundo, Valor de verdade.
- Estruturalismo: Relação entre valores de um sistema abstrato
- Funcionalismo: Forma e Função
- Tipologia: Forma e Função, Categorias Universais e Evolução
- Mentalismo Abstrato: Onde está o especificamente lingüístico?
Quais seus componentes gerativos? > (Por que gramática "gerativa"?)

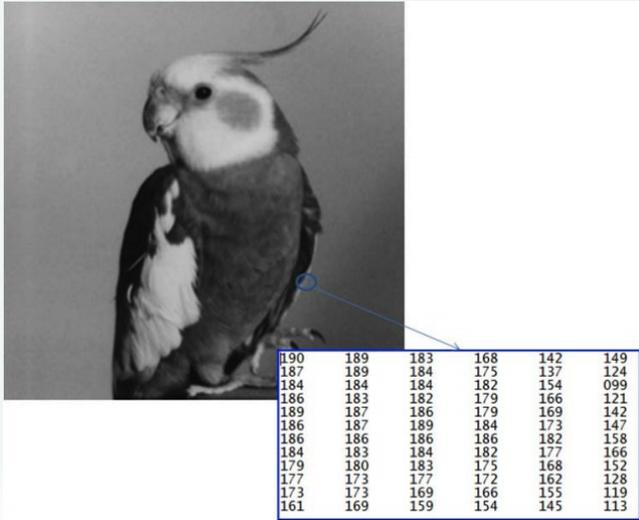
0.1.1 A arquitetura da gramática segundo uma das tendências gerativistas recentes

Diagrama: Arquitetura dos Procedimentos da Faculdade da Linguagem, Chomsky (1998:12-13):



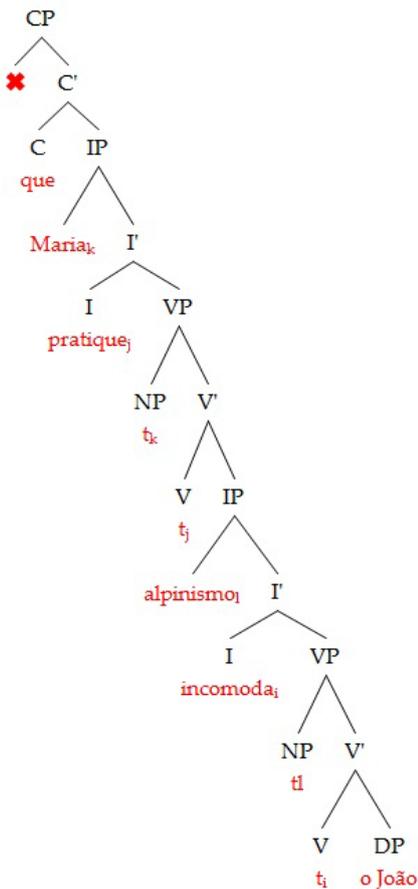
(cf. Anexo - Diagrama, a partir de Chomsky 1998)

0.2 Das Representações Formais em geral; das Representações Formais Intensionais em particular



“What do you do when you do mathematics? You think about some kind of object, and you develop your intuitions about the object. Then you try to express those intuitions in terms of a formal system. Then you explore the properties of that system, to see if they really do correspond to the intuitions you had about the kind of object you’re trying to understand.” (citado em Anderson, 1999)

$$G_{ij} = \frac{1}{4} C_i C_j \sum_{x=0}^7 \sum_{y=0}^7 p_{xy} \cos \left[\frac{(2y + 1)j\pi}{16} \right] \cos \left[\frac{(2x + 1)i\pi}{16} \right]$$



A formalização da estrutura da sentença em uma representação “arbórea” tem por espírito capturar formalmente os diferentes processos configuracionais que permitem a relação gramatical entre os constituintes:

- (a) Ela é construída em diferentes “níveis” (nós) para capturar diferentes funções gramaticais (como a predicação e a argumentalidade; a flexão; a modularidade).
- (b) Ela é configurada em nós binários e hierarquicamente distribuídos para capturar relações hierárquicas (como a complementação).
- (c) Ela é geométrica e se configura em fases para capturar as propriedades de manutenção da interpretabilidade depois dos processos de deslocamento.

O espírito desta formalização é *ex-plicar* as categorias mínimas que precisam estar configuradas para que a língua funcione.

A base dessa formalização é *intensional*, ou seja, a idéia é capturar a “receita” da gramática:

- O que é uma representação *extensional*?
“Números Pares”: {2, 4, 6, 8, 10 ... }
- O que é uma representação *intensional*?
“Números Pares”: {x : x=2y, onde y um número inteiro}